

# País está pronto para crescer, diz economista

Para Antonio Barros de Castro, enquanto o PIB cresceu 2,2% em média nos últimos três anos, os investimentos produtivos aumentaram para 18,5% do PIB

JÔ GALAZI

**R**IO - A hora presente é assustadora - mas o Brasil tem 12 pontos percentuais de crescimento econômico presos, que esperam apenas a turbulência passar para ganhar liberdade, criando riqueza e empregos. O professor de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Antonio Barros de Castro, um dos maiores especialistas em economia industrial do País, explica como isso pode ocorrer.

De acordo com ele, nos últimos três anos o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro cresceu só 2,2% em média ao ano, ou 6,6% no período todo. Os investimentos produtivos, porém, aumentaram de cerca de 15,5% a 16% do PIB para 18,5%. Esses investimentos adicionais introduziram na economia tecnologias muito mais avançadas que as anteriores, além de formas de organização, gerenciamento e logística também melhores.

Trata-se de um capital com eficiência muito maior que a do capital pré-existente na economia brasileira. Os cálculos da equipe do *Boletim de Conjuntura* da UFRJ indicam, segundo Castro, que por causa desse capital o País poderia ter crescido anualmente, em média, 6,2%, isto é, quase 19% nesses três anos. Há, portanto, uma folga, traduzida em fábricas subutilizadas e tecnologias já instaladas, que é capaz de criar um crescimento do PIB de 12% - um crescimento já conquistado, embora não concretizado.

Assim que a taxa de câmbio encontrar o seu equilíbrio e se o governo agir certo em relação aos juros, sem esperar que eles sejam o instrumento de redução do preço do dólar, a folga se transformará em mais produção e empregos. Castro frisa que o esforço necessário para a economia do Brasil ser 12% maior é ínfimo, porque o esforço, na verdade, já foi feito. Só não é possível, diz ele, estimar quanto tempo decorrerá até que o terremoto passe e a economia encampe esses 12 pontos. A seguir, os principais trechos da entrevista que o economista concedeu ao Estado.

**Estado - O Brasil, desta vez, está mesmo à beira do abismo, como parece ser a opinião do mercado?**

**Antonio Barros de Castro** - Faço parte do grupo dos que acreditam na existência, no Brasil, de uma relativa solidez financeira e de uma saúde microeconômica bastante razoável. A própria questão fiscal não me impressiona tanto quanto a outros economistas. Se não fossem as taxas de juros e, naturalmente, o grave problema da Previdência Social, não haveria muito com o que se preocupar. A situação fiscal não é dramática, de forma alguma. Além disso, ocorreu no Brasil, no episódio que estamos viven-

do, algo que podemos chamar de profecia autonegada - como todo mundo disse que o País ia quebrar, só os mais afoitos e levianos não se prepararam para atravessar uma situação difícil. De tanto ser prevista, a quebra não se verificou.

**Estado - O Brasil deverá repetir a experiência de outros países que passaram por ataques especulativos e desvalorização de suas moedas?**

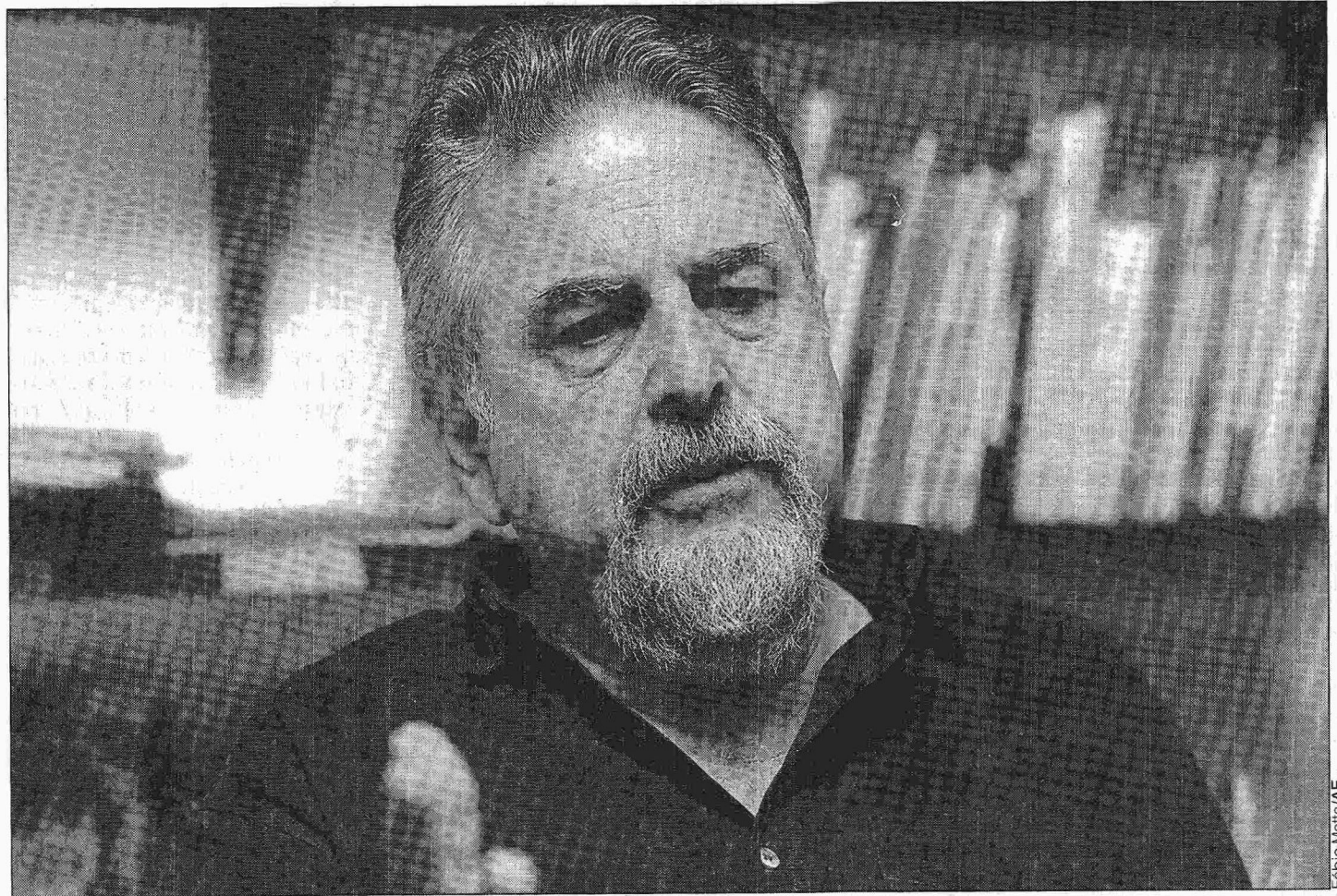
**Castro** - Essas experiências podem ser divididas em três grupos. Um seria o dos países de elevada coesão sócio-política. A Inglaterra, em 92, e a Austrália, em outubro de 97, sofreram ataques e tiveram de desvalorizar suas moedas, que passaram a flutuar livremente. O deslizamento do câmbio foi pouco agressivo e embora as cotações do dólar tenham se elevado substancialmente no primeiro momento, em um intervalo de

seis meses a um ano elas se estabilizaram em uma desvalorização de 20% e as duas economias voltaram a crescer normalmente. Outro grupo seria o dos países onde subitamente descobriu-se grandes problemas, sobretudo de natureza financeira, que têm alta coesão social, como a

Tailândia e a Coreia do Sul. Ou seja, nações que ficaram em situação quase caótica, mas sem implosão social. Por conta dos problemas no setor financeiro, o deslizamento do câmbio para eles se mostrou muito mais extenso e acidentado, a ponto de, em certo período, a valorização do dólar situar-se em 200%. Entre um ano e dois anos, porém, encontraram o chão, a valorização estabilizou-se na faixa de 150% e eles vão seguindo. A Coreia do Sul já está até enfrentando o problema de tentar segurar a valorização da sua própria moeda, que vem ocorrendo pela entrada excessiva de capital estrangeiro no País. Como eles não querem reproduzir o quadro anterior à crise, começam a se preocupar. Por fim, o terceiro grupo é o de países de reduzida coesão, seja por terem regimes políticos rejeitados por grande parte da população, seja por divisões étnicas. Indonésia e Rússia representam bem o grupo: atingiram o inferno e, particularmente no que se refere à Rússia, continuam mergulhando.

**Estado - O Brasil é candidato a qual dos grupos?**

**Castro** - O Brasil deverá tomar um caminho próprio e poderá abrir um quarto grupo. É preciso observar que o deslizamento do dólar no Brasil começou mal: a desvalorização do real vem se dando mais rapidamente do que na Tailândia, o que é ruim. De qualquer forma, enfatizo que essas curvas de oscilação são mesmo muito nervosas em todos os casos - não se pode fazer leitura do que virá a partir daí. Mais importante ainda é que estamos falando do valor de um ativo, o dólar, e valores de ativos oscilam enorme-



Barros de Castro: "Elevar preços sem que o governo ratifique o movimento com emissão de moeda só tornaria a recessão mais aguda, mas os preços acabarão recuando junto com o recuo do dólar"

mente mais do que valores de bens e serviços produzidos sistematicamente. Valores de ações, casas e dólares apresentaram flutuação infinitamente superior à de cimento ou painéis, em qualquer sociedade. Os preços dos ativos não têm nada a ver com o seu custo de produção, mas com outras coisas, como expectativas ou o quanto a sociedade se sente ameaçada em certo momento. Em situações tensas, compra-se aquilo que vai se valorizar ainda mais. Quando uma coisa valoriza-se, em vez de vender mais, vende menos e quando se desvaloriza, em vez de vender menos, vende mais, porque quem a tem quer se livrar dela. Essa lógica perversa dos ativos explica porque não faz nenhum sentido tirar conclusões a partir do imediatamente observado em momentos como o que estamos vivendo.

**Estado - Quando o ponto de equilíbrio da taxa de câmbio for alcançada o Brasil poderá crescer logo ou vai enfrentar uma fase de mediocridade até retomar o pé?**

**Castro** - Nos últimos três anos o nosso PIB cresceu só 2,2% em média ao ano, ou 6,6% acumulado no período. Os investimentos, porém, au-

ram tomadas para produzir mais 12 pontos de PIB, mas isso não se realizou porque o governo travou a economia com o binômio câmbio e juros. Esses 12 pontos travados se traduzem em subutilização de fábricas e desemprego. Mas os investimentos estão aí e os 12 pontos latentes também. O esforço necessário para o Brasil ser 12% maior é ínfimo, porque o esforço, na verdade, já foi feito. É claro que na turbulência do day after isso não vem à tona. Mas quando o câmbio aterrissar em um taxa psicologicamente aceita, com oscilações que não sejam percebidas como pré-vidas de um descontrole, a economia brasileira estará pronta para concretizar esses 12% de crescimento.

**Estado - É possível ter uma idéia sobre quanto tempo mais a turbulência vai continuar?**

**Castro** - Responder a essa pergunta neste momento é impossível porque o centro do sistema, que é a economia norte-americana, pode perfeitamente, de um momento para o outro, mergulhar em uma gravíssima crise cujo epicentro seria a Bolsa de Valores de Nova York. As próprias autoridades americanas avisam que os valo-

res dos ativos no país estão irreais: as cotações das ações são muito superiores ao valor das empresas que elas representam. O governo brasileiro deveria se empenhar agora em persuadir a sociedade de que temos potencial para nos sair bem, independentemente do que houver no plano

internacional. Ajuda muito o recente surgimento de fenômenos novos como a convergência entre empresários, trabalhadores e representantes da pequena e média indústria, portanto uma convergência mais abrangente que outras que foram tentadas. Esse é o embrião que sugere a possibilidade de um pacto social, diferente do que havia no início dos anos 90. Infelizmente, as patrulhas ideológi-

cas saíram imediatamente em campo caracterizando isso como ressurgimento de um pacto inflacionário.

**Estado - O sr. teme a volta de altos índices de inflação ou acha que a cultura inflacionária está morta no Brasil?**

**Castro** - Muitos tentarão impor novos preços ao mercado, indo até mesmo além do que seria explicado pelo coeficiente importado de seus produtos. Mas como eu creio que o governo não vai afrouxar e emitir moeda, quanto mais se tente forçar a alta de preços, maior será a escassez de consumidores e a recessão. Elevar preços sem que o governo ratifique o movimento com

emissão de moeda só tornará a recessão mais aguda. Esses preços, portanto, acabarão recuando, juntamente com o recuo do dólar. Mas a cultura inflacionária, como era, não existe mais. A cultura que existia se baseava em uma arquitetura de instituições centradas na indexação, que foram eliminadas. De 1967 a 1980 o Brasil aprimorou o sistema de indexação por considerá-lo um valor positivo. Hoje, ninguém mais pensa na indexação como algo benigno. Qualquer ensaio agora neste sentido terá de ser interpretado como a entrada no caminho da autodestruição.

**Estado - As taxas de juros continuam muito altas. O sr. aprova isso?**

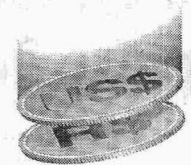
**Castro** - Antes eles eram elevados para atrair capital externo e agora têm a função de impedir a estocagem. Se as taxas de juros não forem altas, o pecuarista, por exemplo, não desova seus estoques. Nesse sentido, os juros altos são pró-estabilização e têm lógica econômica. Mas é fundamental perceber também que para impedir a estocagem de dólares eles não servem. Quem está aplicado em dólar neste momento não sai do dólar por nenhum juro terrestre, porque a moeda americana valoriza-se diariamente.

Enquanto o dólar estiver nessa indefinição, nenhuma taxa de juros vai seduzir quem tem essa moeda. É fenômeno de psicologia de multidões.

**Estado - A desvalorização do real foi causada por um ataque e é artificial ou de fato a moeda brasileira ainda estava sobrevalorizada?**

**Castro** - Nos últimos tempos fiz algumas pesquisas de campo e fiquei impressionado porque nenhum empresário mais dizia que não suportava a taxa de câmbio. Disso nasceu um equívoco, do qual eu próprio participei um pouco: se o empresário afirmava que individualmente empacou o jogo e sobrevivia, então a

taxa de câmbio estava equilibrada. Ocorre, porém, que era um empate de indivíduos, pois ao mesmo tempo o País como um todo vinha produzindo um déficit em transações correntes que caminhava para a inviabilidade. Não se observou que, se as empresas estavam aguentando a concorrência com os importados no Brasil com o câmbio que existia, é porque o País já tinha produtos com custo e qualidade capazes de penetrar no mercado internacional ganhando de braçada. Só que as exportações não estavam ganhando de braçada. O Brasil deveria estar exportando o dobro do que exportava. E o que faltava para isso era, entre os fatores principais, um câmbio compatível com o equilíbrio das transações correntes. Certamente estamos agora à beira de conseguir um câmbio desse tipo. É animador verificar que temos a vantagem de já termos nos beneficiado da abertura comercial, sob a forma de importação massiva de equipamentos e de, também, já termos pago o preço dessa abertura - por isso estranho tanto quando ouço falarem em uma revisão da abertura. Nós já a pagamos e agora está na hora de tirar mais benefícios dela. Seria um escândalo, e um escândalo ridículo, regredir neste momento.



**SITUAÇÃO FISCAL NÃO É DRAMÁTICA**

**DÉFICIT EM TRANSAÇÕES CORRENTES CAMINHAVA PARA A INVIABILIDADE**

**GOVERNO DEVERIA PERSUADIR SOCIEDADE DE QUE TEMOS POTENCIAL PARA SAIR DA CRISE**